

09-10-2019

## LEITURAS CAMINHANTES: no círculo com Paulo Freire Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente  
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Imbuído de criar uma mobilização em torno de ideias, livros, eventos científicos e intervenções políticas e culturais, o grupo de pesquisa/orientação “Espaço, Sujeito e Existência-CNPQ”, o Dona Alzira, radicado no Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás, está na estrada com o projeto “LEITURAS CAMINHANTES”.

Dessa vez o grupo convidou Paulo Freire para fazer a caminhada e, no caminho, caminhando, pôe-se a armar círculos de conversa, construir princípios no campo da comunicação, da escuta atenta e de desvendamento da problemática crucial que interpela a mentalidade brasileira no atual período: a opressão.



Assentamento Leonir Orback - Santa Helena de Goiás (2019)

Tomamos em mãos o livro *Pedagogia do Oprimido* (1967).

O trabalho de leitura, além de reunir os membros do grupo, alunos de graduação, mestrandos, doutorandos, professores colaboradores, está juntando também amigos e amigas de outras instituições, de Movimentos Sociais e de grupos culturais. A jornada de leitura pretende, para ser coerente com o livro e com toda a obra freiriana, encadear uma roda de diálogo em caminhada, aberta à voz do Outro, disposta ao encontro, à crítica e ao fascínio de aprender juntos.

Falamos na abertura do projeto: “*será uma jornada de leitura, uma jornada de amor, uma jornada de engajamento*”.

A definição desse livro para a realização do projeto e a metodologia de leitura em forma circular e caminhante possuem dois motivos: acatar uma solicitação da realidade brasileira atual na qual uma das maiores teses do *Pedagogia do Oprimido* se faz efetiva: “boa parte dos trabalhadores brasileiros tem hospedado o oprimido em sua consciência”; e também o dever pedagógico de enfrentar a esterilidade do pensamento, não se rendendo a uma universidade que, presa aos ditames externos, não interroga a si e o mundo.

Para a consecução do projeto municiou-se de um princípio: proceder à leitura sem se submeter à figura canônica de Paulo Freire. O princípio freiriano para o qual convém “propor-se a si mesmo como problema” e a ideia de se construir uma “educação problematizadora”, estão, em nossa jornada, vertendo-se como luz. Haveremos de interrogar as ideias esposadas por Paulo Freire reconhecendo a responsabilidade histórica de ler uma obra que, nascida no exílio de Freire (década de 1960), foi um emblema da anistia (década de 1980)

de intelectuais, sindicalistas, trabalhadores e opositores ao cruel regime militar, que fez da tortura corporal o que se tenta fazer atualmente com a tortura aos direitos dos trabalhadores. Além de ser símbolo da anistia o *Pedagogia do Oprimido* foi também o toque refinado dos que, no final dos 1970 para os 1980, mobilizaram um hemisfério de crítica para a emergência de uma nova consciência social no Brasil. Nas entrelinhas do livro interpretam-se o Brasil, o brasileiro, o poder, a luta de classe. E o sujeito humano em sua dimensão histórica, cultural e subjetiva. A luta contra os resquícios da ditadura militar brasileira, no começo dos 1980, seguiu nas mãos de Paulo Freire e, com as mãos irmanadas, levantou pontos de uma “consciência crítica da opressão”. As ideias de que “a violência gera uma forma de ser” e que ao oprimido não interessa “uma vida prescrita pelo opressor”, colocam em questão a submissão emocional do trabalhador ao dominante e a sua opressão existencial. Libertar-se da opressão e libertar-se da vontade de submissão põe em cena a essência pedagógica: a libertação.

Libertar, eis uma batalha humana, eis uma batalha da educação em todos os níveis. Entende-se por opressão existencial toda uma vida fadada à violência, à violação dos direitos humanos; toda uma vida impotente para exercer a própria fala e de valer-se da própria experiência de trabalhador. Oprimem o trabalhador também as crenças culposas, a submissão aos controladores de alma, aos vendilhões de modos de vida. Há que se afirmar: é do caráter de opressão existencial a escravização do trabalhador pelas formas dominantes do pensamento.



Oficina de leitura - Itapuranga/Goiás (2019)

Quando o trabalhador se demite da esperança em sua classe; ou descola a sua vida concreta em nome de “esperanças metafísicas”, entra a ação da pedagogia libertadora problematizando, gerando situações de escutas, de diálogos, de aprendizagem coletiva.

O tema de aprendizagem como tema da vida instaura possibilidades de se edificar uma consciência libertadora. Liberdade e crítica se abraçam, como amor e transformação. Dessa feita, convém ler o livro de acordo com a realidade. Assim sendo, o livro de Paulo Freire é chamado na atualidade brasileira, pois a opressão existencial está presente na homofobia, no preconceito racial; e também na vitimização, na omissão; no domínio de classe; nas estratégias de inferiorização, de silenciamento, de apagamento da memória e, ao mesmo tempo, de exaltação dos covardes feitos heróis. Quando o oprimido introjeta o opressor em sua consciência, a sua existência rendida, alienada e dependente, torna-se migalhas.

continua

Segundo Paulo Freire, eis a necrofilia ao invés da biofilia. Todo regime autoritário advoga a morte, pois teme a vida. Inseguro usa a violência. De acordo com Paulo Freire - e em círculo dialógico e amoroso - a responsabilidade histórica de se ler coletivamente o *Pedagogia do Oprimido* é a mesma que se tem em trabalhar na educação, orientar um mestrando, beber uma no bar com uma amiga, passear no parque com os filhos; participar de um movimento social e cultural: não aceitar a impotência promulgada pelos opressores. E, em não aceitando, fazer do engajamento uma forma de criação; e alegrar-se por não estar do lado dos opressores, fazendo a vida dia a dia com o peito destemido.

**Estamos no círculo com Paulo Freire. ■■■**



Assentamento Leonir Orback - Santa Helena de Goiás (2019)

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*